



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

GRADUAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA E RESPECTIVA LITERATURA

Bárbara Cristina Rodrigues Lima

**Intertextualidade e prazer de leitura em *A maldição do Tigre* de
Colleen Houck**

Brasília

2024

BÁRBARA CRISTINA RODRIGUES LIMA

**Intertextualidade e prazer de leitura em *A maldição do Tigre* de
Colleen Houck**

Monografia de Graduação em Língua Portuguesa e respectiva literatura, submetida ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília – IL/UnB para obtenção do título de licenciada.

Orientadora: Anne Louise Dias

Brasília-DF: Setembro de 2024.

CIP - Catalogação na Publicação

RB229i Rodrigues, Bárbara Cristina.
Intertextualidade e prazer de leitura em A maldição do Tigre de Colleen Houck / Bárbara Cristina Rodrigues; orientador Anne Louise Dias. -- Brasília, 2024.
p.

Monografia (Graduação - Língua portuguesa e respectiva literatura) -- Universidade de Brasília, 2024.

1. O potencial transformador da Leitura. 2. Intertextualidade em A Maldição do Tigre. 3. Cânone literário em diálogo. I. Dias, Anne Louise, orient. II. Título.

SUMÁRIO

1. Introdução	5
2. O potencial transformador da leitura.	6
3. Intertextualidade em <i>A Maldição do Tigre</i>	10
4. Cânone literário em diálogo	18
5. Considerações Finais	23

INTRODUÇÃO

Quando um jovem explora a capa de um livro em uma biblioteca, seu interesse é despertado por detalhes nem sempre comuns. O que o motiva a escolher tais obras? Uma capa mais colorida, brilhosa? Uma história fantasiosa? Ou a “febre momentânea” que os *bestseller* proporcionam? Quando um jovem é capturado pelo universo da leitura, normalmente é fisgado por algo de seu agrado, que alimente a sua imaginação e dê corda a novos pensamentos como, por exemplo, quadrinhos, mangás, livros de *fanfic*, de ficção etc. Como defende Michèle Petit em *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva* (2008) “Desde a infância, a leitura pôde, dessa maneira, representar para estes jovens o espaço de abertura para o campo do imaginário” (Petit, 2008, p.74).

Quando um jovem tem a oportunidade de ter acesso a essas leituras, que nutrem a imaginação e expandem seu repertório cultural, usualmente alcança uma outra perspectiva para as questões da vida. Prosseguindo a fala junto a Michèle Petit “É preciso lembrar que todas as invenções, todas as descobertas são realizadas nos momentos de fantasia, e que, em geral, sem fantasia, não há pensamentos” (Petit, 2008, p. 80). Ela defende que é mais fácil uma pessoa criar um objeto voador lendo histórias de ficção de extraterrestres voadores do que lendo teorias, por exemplo.

No primeiro ano do ensino médio, a capa de um livro com um tigre branco chamou a atenção da pesquisadora que escreve este texto, e, após a leitura de seu resumo, ele foi selecionado como a próxima obra a ser lida. A história envolvente levou à curiosidade de toda a saga que o sucederia. Ao final do ensino médio, após a análise de várias obras literárias, decidi optar pelo curso de Letras em Língua Portuguesa e respectiva Literatura. Essa perspectiva, em um momento crucial da vida escolar, teve um grande impacto na definição dos próximos passos na minha vida de pesquisadora.

Iremos, portanto, analisar a obra que deu início a toda essa reflexão: *A Maldição do Tigre*, de Colleen Houck, com tradução de Raquel Zampil. O livro é o primeiro volume da chamada “Saga do tigre”, com 352 páginas e foi publicado pela editora Arqueiro em 17 de outubro de 2011 no Brasil. A saga é composta por seis livros, totalizando 2.893 páginas. Ainda assim, no ranking dos *boxes* mais vendidos pela *Amazon*, está em nº 109.192 em loja Kindle, nº 862 em *eBooks* sobre romance para

jovens e adolescentes, nº 890 em *eBooks* sobre fantasia para jovens e adolescentes e nº 2.467 em fantasia, dados estes disponibilizados no site da *Amazon*.

Nesta monografia serão analisados trechos e elementos intertextuais presentes na obra mencionada, explorando como o contato com textos clássicos pode influenciar a leitura posterior dos jovens. A partir dessa análise, refletiremos sobre o impacto que essas leituras podem ter na vida dos leitores.

Este trabalho é ancorado nos pressupostos teóricos de Michèle Petit, nas reflexões acerca da leitura, e se usará como embasamento teórico a obra "*Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva*" (2008). A obra referenciada se utiliza de entrevistas com leitores de bairros marginalizados das grandes cidades francesas. A antropóloga Michèle Petit analisa, por vários prismas, as relações entre os jovens e o livro no mundo globalizado, acreditando na missão que a leitura pode desempenhar para a construção e reconstrução do sujeito.

Utilizaremos, também, a obra de Daniel Pennac, *Como um Romance* (1993), que discute as dificuldades que muitos enfrentam ao ler, além do conceito de intertextualidade trabalhado por Márcia Leite em *A leitura na escola: o intertexto como fator de interpretabilidade* (2010) e Pedro Balas Custódio em *De como os livros são pontes intertextuais: propostas de leitura para o 2º CEB* (2014). Passaremos ainda pelo termo "canônico" com apoio da obra de Rildo Cosson, *Letramento literário* (2015) e *A legitimação em literatura* (1994) de Silvana Rodrigues Lopes.

O Potencial Transformador da Leitura

Como vimos, o ato de ler pode surgir de uma curiosidade pessoal, de uma sugestão de um professor ou de um breve contato com um livro. Esse despertar não se restringe apenas à leitura de obras completas. "Desse modo, são frases, metáforas, extraídas de obras nobres ou humildes, e também, algumas vezes, da letra de alguma canção ou entre os planos de um filme, que puderam mudar o ponto de vista com que estes jovens se representavam a si mesmos" (Petit, 2008, p.77).

O contato com a literatura em suas mais variadas formas é suficiente para causar impacto no leitor. Como menciona Michèle Petit em *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva* (2008), esse efeito não ocorre apenas ao ler textos completos; uma

frase em um outdoor, ou um refrão de uma canção podem provocar uma reflexão. Independentemente da motivação, dedicar-se e apreciar a leitura pode ser um momento de libertação e reconstrução.

A formação do hábito de leitura é um processo que se estende ao longo do tempo e atravessa altos e baixos. Alguns livros apresentam descrições extensas e reflexões que, à primeira vista, podem parecer supérfluas; no entanto, tudo possui sua relevância. Quando o leitor transcende uma leitura superficial do texto e passa a compreender as reflexões e questões abordadas pelo autor, ele começa a se tornar um leitor habilidoso, e sua identidade entra em um processo de remodelação.

Como afirmado por Petit: “o escritor e o leitor constroem-se um ao outro; o leitor desloca a obra do escritor, e o escritor desloca o leitor, às vezes revelando nele um outro, diferente do que acreditava ser” (Petit, 2008, p.37). Quando esse diálogo entre leitor e escritor ocorre, o processo contínuo de construção da identidade se desenvolve, entrelaçando múltiplos aspectos ao longo da vida e moldando novas perspectivas.

Quando falamos sobre a leitura e seu potencial impacto, estamos nos referindo à formação da identidade pessoal. Quando alguém começa a ler, passa a se envolver, a dar nome às suas próprias questões e a sonhar com um futuro diferente, sua identidade entra em um processo contínuo de transformação que perdura ao longo da vida. Cito Petit:

A leitura e a biblioteca podem contribuir para verdadeiras recomposições da identidade. É claro que identidade não é entendida aqui como algo fixo, parado em uma imagem, mas ao contrário, como um processo aberto, inacabado, uma conjunção de traços múltiplos, sempre em transformação. (Petit, 2008, p. 53)

É relevante salientar que, caso o ato de ler seja iniciado pela indicação de algum professor, é sugerido não requerer demasiado do aluno, para que a leitura, ao menos naquele momento inicial, não se torne mais uma tarefa enfadonha que a escola exige dos alunos, ainda que direcionada a alguma tarefa escolar, ler não precisa, nem deve ser um sacrifício:

Ler é portanto a oportunidade de encontrar um tempo para si mesmo, de forma clandestina ou discreta, tempo de imaginar outras possibilidades e reforçar o espírito crítico. De obter uma certa distância, um certo “jogo” em relação aos modos de pensar e viver de seus próximos. (Petit, 2008, p. 56)

Ler é um momento de descoberta, tanto do mundo quanto de si mesmo, um momento precioso que o leitor tem à sua disposição para explorar o mundo através das palavras de outras pessoas. Como afirmou Michèle Petit, “Ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente” (Petit, 2008, p. 43). Cultivar a leitura é, portanto, não apenas uma descoberta, mas uma necessidade e um direito de todos, pois ela consegue organizar o caos da mente, humanizar as pessoas e enriquecer a personalidade.

Um aspecto relevante a ser abordado sobre *A maldição do tigre* é, aliás, a forma pela qual a autora apresenta a cultura indiana, oferecendo aos leitores uma visão única e diferente daquela frequentemente mostrada na mídia. Conforme observa Antonio Candido, em seu texto *Vários Escritos* “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (Candido, 2017, p.182).

Ao refletir sobre como a autora descreve a experiência da protagonista Kelsey Hayes ao conhecer a Índia como turista, essa é uma das primeiras impressões que ela tem ao chegar:

Aos poucos fui me acostumando o suficiente para começar a apreciar os lugares por que passávamos e, com interesse, vi incontáveis mercados multicoloridos e camelôs vendendo artigos variados. Comerciantes anunciavam marionetes, jóias, tapetes, souvenirs, temperos, castanhas e todos os tipos de frutas, legumes e verduras em pequenas vendas ou em veículos parados na rua. Todos pareciam vender alguma coisa. Outdoors exibiam anúncios de consultas de tarô, quiromancia, tatuagens exóticas, piercing e pintura corporal com hena. A cidade inteira era um panorama turístico vibrante, enlouquecido e apressado, com pessoas de todos os tipos e classes sociais. Parecia não haver um só centímetro quadrado desocupado na cidade. (Houck, 2013, p. 54)

Pela descrição do ambiente e a forma como a personagem principal aprecia os alimentos, a autora consegue instigar o leitor a também querer conhecer o país. Esse contato com a sociedade e a cultura locais torna os personagens mais próximos do leitor. Embora a maior parte da população viva na zona rural e a economia seja essencialmente primária, focada em atividades agrícolas e na exploração de recursos minerais, o PIB da Índia é um dos maiores do mundo. No entanto, a baixa renda *per capita* contribui para uma visão negativa que as pessoas têm do país. A maneira como a autora envolve o leitor e apresenta a cultura sob um novo olhar é extremamente positiva e pode ajudar a quebrar estigmas negativos.

Submergir em uma obra que apresenta, em detalhes, as riquezas de outro país, tem a capacidade de transportar o leitor, proporcionando uma experiência e um conhecimento diferente de sua realidade. “Os livros, e em particular os de ficção, nos abrem as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo. Os escritores nos presenteiam com uma geografia, uma história, uma paisagem onde retomamos o fôlego” (Petit, 2008, p. 79).

Um jovem que lê consegue explorar suas próprias questões à luz de novas perspectivas, inspirado por questionamentos ou ideias apresentadas pelo escritor. Através da leitura, ele pode identificar e nomear sentimentos e sensações, beneficiando-se de teorias e experiências que muitas vezes se assemelham às suas próprias. Pennac, em *Como um Romance* (1993), observa como o nascimento da paixão do leitor por histórias inicialmente floresce, mas, frequentemente, a escola, com suas exigências de leitura e avaliações, pode sufocar essa paixão, transformando o ato de ler em um fardo em vez de um prazer. Pennac chega a essa conclusão:

Ele é, desde o começo, o bom leitor que continuará a ser se os adultos que o circundam alimentarem seu entusiasmo em lugar de pôr à prova sua competência, estimularem seu desejo de aprender, antes de lhe impor o dever de recitar, acompanharem seus esforços, sem se contentar de esperar na virada, consentirem em perder noites, em lugar de procurar ganhar tempo, fizerem vibrar o presente, sem brandir a ameaça do futuro, se recusarem a transformar em obrigação aquilo que era prazer, entendendo esse prazer até que ele se faça um dever, fundindo esse dever na gratuidade de toda aprendizagem cultural, e fazendo com que encontrem eles mesmos o prazer nessa gratuidade. (Pennac, 1993, p. 22)

O livro de Pennac conversa com a pedagogia da libertação, desenvolvida por Paulo Freire. Freire, um dos educadores mais influentes do século XX, desenvolveu a abordagem educacional focada na emancipação e conscientização dos oprimidos. Alguns pontos principais dessa abordagem são a educação como prática de liberdade, em que os indivíduos desenvolvem seu pensamento crítico e pensam sobre o mundo de maneira transformadora.

Ambos defendem que a educação e a leitura podem e devem ser feitas de maneira livre, sem colocar à prova a competência do leitor e o tipo de leitura que está sendo feita. O momento dedicado a ler pode ser mais positivo quando seu maior

combustível for o interesse, a curiosidade do leitor. Dito isto, iremos nos debruçar nas nuances de *A Maldição do Tigre*.

Como mencionado, a obra que será analisada foi o instrumento de ficção que deu força à imaginação e corroborou com a construção da identidade desta ora escritora. Isso se deu porque a trama se desenvolve a partir da construção de uma relação romântica entre as duas personagens principais e, ao mesmo tempo, revela uma aventura atraente, capaz de prender o leitor com suas reviravoltas e instigar a curiosidade pelo final da história. A protagonista, Kelsey, é uma jovem órfã, que busca construir seu futuro. Por uma consequência do destino, ela começa a trabalhar em um circo, local em que reside um tigre branco. Com o tempo, descobre que há uma conexão especial entre eles: o tigre é na verdade um príncipe indiano chamado Dhiren, aprisionado por uma antiga maldição que o transforma em animal. Determinada a ajudá-lo a quebrar esse feitiço, Kelsey embarca em uma jornada mística repleta de desafios.

Intertextualidade em *A Maldição do Tigre*

A Maldição do Tigre, também conhecida como "A Saga do Tigre", tem como protagonista Kelsey Hayes, uma jovem órfã que busca um emprego de verão para custear seus estudos universitários. Ela encontra uma oportunidade no circo que está de passagem pela cidade, onde se encanta pela principal atração: um tigre branco. Acostumada a passar longos períodos sozinha, imersa em seus livros, Kelsey logo sente uma conexão especial com o tigre, dedicando-se a cuidar de suas necessidades e passando seu tempo livre ao lado dele.

O que Kelsey não sabia era que o tigre na verdade era Alagan Dhiren Rajaram, um príncipe indiano amaldiçoado por um homem cruel há décadas. Ao ler para ele durante seus momentos de folga, ela temporariamente destrava a maldição que o transforma em tigre. Assim, Kelsey se torna a única pessoa capaz de ajudar o príncipe em sua jornada pela libertação.

Decidida, Kelsey embarca em uma jornada até a Índia, onde enfrenta forças sombrias, dialoga com deusas, explora mundos místicos e encara diversas adversidades. No primeiro volume da saga, ela obtém a profecia de libertação junto à deusa Durga e se empenha em decifrá-la.

A obra apresenta uma narrativa épica que transporta os leitores para um mundo de mitos hindus, templos, personagens envolventes e uma aventura intrigante. O leitor compartilha da jornada de descobertas de Kelsey e muitas vezes se vê questionando as tradições e mitos junto com ela. Para auxiliar tanto Kelsey quanto o leitor nessa jornada, a autora cuidadosamente preparou diálogos que narram os mitos:

- Talvez devêssemos falar sobre outro assunto. Quer conhecer alguns mitos da minha terra sobre os tigres? Assenti com empolgação, incentivando-o a continuar. Joguei minhas pernas para o lado, sobre a poltrona. Então puxei o cobertor até o queixo e me recostei no travesseiro. A entonação do Sr. Kadam mudou quando ele entrou no modo de contador de histórias. Seu sotaque indiano ficou mais pronunciado; as palavras, mais melódicas. Eu gostava de ouvir a cadência de sua voz.

- O tigre é considerado o grande protetor da selva. Vários mitos indianos atribuem grandes poderes ao animal. Ele combate bravamente imensos dragões, mas também ajuda camponeses. Uma de suas tarefas é deslocar nuvens de chuva com a cauda, pondo fim à seca que aflige aldeões humildes. (Houck, 2013, p. 45)

A Maldição do Tigre alcança esse efeito ao transportar o leitor para um país exótico, repleto de peculiaridades culturais e paisagens diversas, como vimos. Kelsey, fascinada pela Índia e curiosa com suas histórias e lendas, desperta um interesse que permite aos leitores a oportunidade de conhecer mais sobre essa rica cultura:

- Sr. Kadam, o que é o reino de Hanuman?
- Estou pesquisando isso - respondeu. - Hanuman é o deus macaco. Dizem que seu reino é Kishkindha, ou o Reino dos Macacos. Existe uma grande polêmica quanto à localização de Kishkindha, mas, de acordo com o pensamento corrente, o mais provável é que as ruínas de Hampi estejam sobre a antiga Kishkindha, ou perto dela. (Houck, 2013, p. 117)

A conversa entre eles é informativa e estabelece uma conexão com a história bíblica de Adão e Eva, uma narrativa fundamental nas tradições religiosas judaica, cristã e islâmica. No momento que Eva pega o fruto proibido, convencida pela serpente, sofre uma punição divina e é expulsa do Jardim do Éden; quando Kelsey pergunta se é semelhante ao fruto do Jardim do Éden, ela já faz uma associação com a punição divina, mesmo que seja outro fruto.

Não pode passar despercebido, portanto, que a protagonista de *A maldição do tigre* é também uma leitora, daí seu interesse pelas narrativas míticas indianas. A identidade dela foi moldada pela convivência com leitores, seus pais, e pela frequência à biblioteca. Suas perspectivas foram amplamente influenciadas por esse ambiente,

o que a tornou intimamente ligada a livros e poemas. Este ambiente é capaz de despertar memórias afetivas e boas lembranças:

Tive a sensação de estar de volta à biblioteca dos meus pais. Parecia natural me sentar ali, relaxada, na companhia daqueles dois, embora eles estivessem sob o efeito de elementos não naturais. Estendi a mão para coçar Ren atrás da orelha. Ele ronronou, contente, mas não abriu os olhos. Então dirigi um sorriso ao Sr. Kadam, embora ele não o tivesse visto. Eu me sentia feliz e completa, como se pertencesse àquele lugar. Deixando de lado minhas reflexões, encontrei um capítulo sobre Hanuman e comecei a ler. (Houck, 2013, p. 117)

Não por acaso, o livro começa com um poema de outro autor; a obra é marcada por interferências semelhantes ao longo da narrativa. Kelsey, uma leitora assídua, é o ponto de partida para a autora costurar a narrativa com intertextos. Como vimos, o hábito de leitura de Kelsey é um detalhe importante que conduz a ordem cronológica da trama. Foi a partir das suas leituras para o tigre que a maldição foi temporariamente suspensa, permitindo que ele conseguisse acionar o Sr. Kadam.

No livro, antes do prólogo, já é possível encontrar o poema *Tigre*, do poeta inglês William Blake, publicado em 1794. Este poema faz parte da coleção *Songs of Experience* e ganhou visibilidade no período romântico, o que justifica sua presença no início de um livro com temática romântica:

Tigre! Tigre! Brilho, brasa
que a fuma noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria?

Em que céu se foi forjar
o fogo do teu olhar?
Em que asas veio a chama?
Que mão colheu esta flama?

Que força fez retorcer
em nervos todo o teu ser?
E o som do teu coração
de aço, que cor, que ação?

Teu cérebro, quem o malha?
Que martelo? Que fornalha
o moldou? Que mão, que garra
seu terror mortal amarra?

Quando as lanças das estrelas
cortaram os céus, ao vê-las,
quem as fez sorriu talvez?
Quem fez a ovelha te fez?

Tigre! Tigre! Brilho, brasa

que a fuma noturna abrasa,
que olho ou mão armaria
tua feroz simetria? (Blake *in* Houck, 2013, p. 4)

O poema aprecia e polemiza os paradigmas religiosos cristãos, influentes no final do século XIX na Inglaterra, debatendo a intenção e a motivação de Deus para a criação do Cordeiro e do "Tiger". O poema de Blake é construído com questões que o orador faz sobre o Tigre, como "Quem te fez?" e essas questões muitas vezes repetem o domínio de aliteração ("enquadramento" e "com medo") e imagens (queima, fogo, olhos) para enquadrar o arco do poema.

Existe uma dualidade entre beleza e ferocidade. Blake sugere que a compreensão de uma requer a compreensão da outra. Essa dualidade se preserva ao longo de *A maldição do Tigre*, podendo ser observada quando Kelsey fica encantada com a beleza e imponência do tigre, mas tendo noção da ferocidade do animal, como se denota da descrição de sua primeira impressão ao vê-lo em sua apresentação:

Quando a jaula do tigre passou diante de mim, tive uma vontade súbita de acariciar-lhe a cabeça e confortá-lo. Eu não sabia se tigres podiam demonstrar emoções, mas por algum motivo eu tinha a impressão de que podia sentir seu estado de espírito. Parecia melancólico.

Exatamente nesse momento, uma brisa suave me envolveu com o perfume de jasmim e de sândalo, sobrepujando o forte aroma de pipoca com manteiga e algodão-doce. Meu coração disparou enquanto um arrepio percorria meus braços. Mas, tão rápido quanto veio, o cheiro delicioso desapareceu e senti um inexplicável vazio na boca do estômago. (Houck, 2013, p. 19)

A conexão de Kelsey com o tigre foi quase instantânea. Ao longo da obra, ela menciona repetidamente que sente um carinho e uma amizade muito forte, e que sabe que o tigre jamais a machucaria. Kelsey relata sentir um elo com o animal, tornando-se pessoal para ela garantir seu bem-estar, e ela se dedica a isso. No entanto, o tigre ainda é um animal de aproximadamente 200 a 260 kg, e, em alguns momentos, mostrava seu instinto selvagem, o que fazia com que Kelsey não estivesse imune aos sentimentos provocados por essas demonstrações. Menciono uma parte do comentário dela assistindo a uma caçada:

Kishan firmou as garras no antílope e cravou os dentes fundo em ¹seu corpo. Usando a força da mandíbula, arrancou um naco de carne ainda quente de

¹ Há um outro poema na obra, intitulado "O GATO", de autoria de Leila Usher e sem data. No entanto, não foi possível encontrar informações sobre sua origem ou ano de publicação. Assim, não se pode afirmar com precisão se o poema existe fora da obra em questão ou se foi criado especificamente para dar sentido à trama. É importante notar que Leila Usher foi uma escultora americana.

onde o sangue pingava. Ren seguiu seu exemplo. Era horrível, nauseante e perturbador.

Tremores percorriam meu corpo, mas eu não conseguia desviar os olhos. Terminada a refeição, os movimentos dos irmãos tornaram-se lentos, como se eles estivessem drogados ou sonolentos, o que me fez imaginar se não seria uma sensação semelhante à que se tem após uma farta ceia de Natal. (Houck, 2013, p. 156-157)

Por mais belo que seja o animal, ainda é um animal. Compreender e equilibrar o encanto e a força é fundamental e serve como o pontapé inicial da obra. Essa interpretação surge a partir da leitura e compreensão do poema. Antes mesmo de ler o texto por completo, já temos um ponto de partida, sabendo que encontraremos esse jogo entre graça e furor. O componente textual responsável por esse efeito, em *A maldição do tigre*, é a intertextualidade. Usaremos o conceito de intertextualidade de Márcia Leite para aprofundar essa análise. Cito:

Inserida no processo de leitura e produção textual temos a Intertextualidade, um dos componentes da chamada textualidade. Ao perceber a relação de um texto com outros textos, o leitor realiza um processo de construção de sentidos e, para isso, conta com seu conhecimento prévio, que o auxiliará na reconstrução dos objetos-de-discurso. (Leite, 2010, p.2218)

O uso de poemas de outros autores em *A maldição do tigre* permite que, ao refletir sobre o motivo dessas escolhas, o leitor comece a construir uma compreensão mais profunda do significado do texto. Essa construção de sentidos contribui significativamente para uma compreensão mais ampla e enriquecedora da obra.

A intertextualidade é, originariamente, um dispositivo literário do terreno dos estudos literários que estabelece e facilita o diálogo interdiscursivo e intersistêmico. Ela pressupõe uma relação sincrônica e/ou diacrônica entre textos e, por conseguinte, implica um domínio vasto e complexo do conhecimento da literatura. Na realidade, este aparelho textual requer a identificação, o reconhecimento e a comparação entre enunciados e/ou partes de obras que mantêm entre si uma relação de proximidade ou de interseção. Este processo que aqui restringimos à literatura está, claramente, presente em múltiplas atividades e artes, da pintura à escultura, passando pela música, fotografia, ou pela publicidade e é, em determinadas áreas, um campo muito fértil de interações. (Custódio, 2014, p.149)

A circunstância de usar poemas que não foram necessariamente escritos para *A maldição do tigre*, mas que, ainda assim, se encaixam perfeitamente no sentido e na interpretação, demonstra a intertextualidade em ação. Retomando o trabalho de Márcia Leite: "*A leitura na escola O intertexto como fator de interpretabilidade*", temos que "Chamamos de intertextualidade ao fenômeno identificado quando, em um texto, faz-se referência a outro. Constituinte da textualidade, a intertextualidade é um dos

fatores de coerência textual e está presente em todo texto, uma vez que todo processo discursivo se estabelece em um discurso prévio” (p. 2219).

Prosseguindo com a análise de *A maldição do tigre*, há um momento marcante durante a missão para encontrar Kishan, o irmão de Dhiren (Ren). Kelsey e Ren têm um momento agradável no acampamento, após ela sofrer um acidente na cachoeira. Aproveitando o momento propício e agradável, Kelsey decide ler um de seus poemas favoritos, - a autora manteve o nome do escritor original do poema - Soneto XVIII de William Shakespeare:

Se te comparo a um dia de verão
És por certo mais belo e mais ameno
O vento espalha as folhas pelo chão
E o tempo do verão é bem pequeno
Às vezes brilha o Sol em demasia
Outras vezes obscurece com frieza;
O que é belo declina num só dia,
Na eterna mutação da natureza.
Mas em ti o verão será eterno,
E a beleza que tens não perderás;
Nem chegarás exausta ao triste inverno:
Nestas linhas com o tempo crescerás.
E enquanto nesta terra houver um ser,
Meus versos ardentes te farão viver.
(SHAKESPEARE in HOUCK, 2013, p. 136)

Shakespeare foi um poeta, dramaturgo e ator inglês, reconhecidamente tido como o maior escritor da Língua Inglesa. O Soneto XVIII retrata a beleza de uma mulher e a compara com elementos da natureza; o poema é romântico e sentimental, ele descreve seu amor por ela e faz uma reflexão sobre morte, tempo e eternidade. O romance do livro é marcado por declarações feitas e declamadas em poemas. Cita-se o diálogo de Ren e Kelsey após a leitura do Soneto XVIII:

- Isso foi... excelente. - Sua voz era suave. - Gosto desse Shakespeare.
- Eu também.
Eu estava folheando o livro à procura de outro poema quando Ren disse:
- Kelsey, talvez eu pudesse partilhar um poema do meu país... com você. Surpresa, deixei de lado meu livro.
- Eu adoraria ouvir poesia indiana.
Ele abriu os olhos e fitou as árvores acima de nós. Pegando minha mão, entrelaçou meus dedos nos dele e nossas mãos descansaram em seu peito. Uma brisa leve soprava, fazendo as folhas dançarem ao sol, tecendo um desenho de sombras e luz em seu lindo rosto.
- Este é um poema antigo da Índia. Faz parte de uma epopeia que é contada desde que me entendo por gente. Chama-se "Sakuntala" e o autor é Kalidasa.

*Teu coração, de fato, eu não conheço:
o meu, porém, oh! Cruel, o amor
aquece de dia e de noite;
e todas as minhas virtudes estão em ti centradas.
Tu, ó esguia donzela,
o amor apenas aquece;
mas a mim ele queima;
como a estrela do dia apenas sufoca a fragrância da flor noturna, mas
extingue o próprio orbe da lua.
Este meu coração,
oh, tu que és de todas as coisas a que lhe é mais cara,
não terá nenhum propósito que não seja tu.
(Houck, 2013, p. 136-137)*

Kalidasa ou Calidaça, foi um renomado poeta e dramaturgo clássico, amplamente considerado o maior poeta e dramaturgo no idioma sânscrito (língua ancestral do Nepal e da Índia). O período em que viveu não é datado com precisão, mas os indícios apontam que provavelmente tenha sido entre os séculos IV a VI. A sua posição na Literatura Sânscrita é similar à de Shakespeare na Inglesa; suas peças de teatro e poesias são principalmente baseadas na mitologia e filosofia Hindus.

O poema *Sakuntala*, declamado por Ren para Kelsey, revela, de maneira sutil, que ninguém está sempre feliz ou sempre triste; felicidade e tristeza alternam-se como as fases de uma roda, subindo e descendo ao longo da vida. A dualidade entre amor e crueldade é expressa de forma intrincada, refletindo tanto a beleza quanto a ferocidade. Nos últimos versos, é sugerido que todas as riquezas são insignificantes sem a presença de sua amada. Esse tema ressoa com a trama, onde Ren é um homem muito rico e Kelsey é uma jovem de condições mais modestas.

Os poemas da obra, especialmente os de Shakespeare, desempenham um papel fundamental na trama, servindo como uma ponte entre Kelsey e Ren, que desenvolvem o hábito de ler um para o outro. Através dessas leituras, os personagens se aproximam, passando mais tempo juntos e desfrutando da companhia um do outro:

- Quer que eu leia um pouco mais de Romeu e Julieta para você?
- Ele ergueu uma pata e a colocou na minha perna.
- Acho que isso significa sim. Muito bem, vamos ver. Onde estávamos? Ah, Ato II, Cena III. Entram Frei Lourenço e Romeu em seguida.
- Tínhamos acabado a cena em que Romeu mata Teobaldo quando Ren me interrompeu.
- Romeu era um tolo - disse ele, repentinamente na forma humana. - Seu grande erro foi não anunciar o casamento. Ele devia ter contado para as duas famílias. Manter o casamento em segredo é o que vai destruir Romeu. Segredos assim podem ser a ruína de qualquer homem. Quase sempre são mais destrutivos do que a espada.

Ren então ficou quieto, perdido em pensamentos.
- Devo continuar? - perguntei.
Ele despertou da momentânea melancolia e sorriu.
- Por favor.
(Houck, 2013, p. 119)

Os personagens não se limitam apenas à leitura dos poemas; eles também discutem e refletem sobre os temas e a maneira como os personagens dos poemas enfrentaram suas histórias. Essas conversas e reflexões aprofundam sua conexão, permitindo uma expressão mais rica e detalhada dos pensamentos e sentimentos de cada um sobre os temas abordados:

- O que achou? - perguntei. - Ficou surpreso com o desfecho?
Ren pensou antes de responder.
- Sim e não. Romeu tomou algumas decisões ruins ao longo de toda a história. Estava mais preocupado consigo mesmo do que com a mulher. Ele não a merecia.
- O final o desagradou tanto assim? A maioria das pessoas se concentra no romance que há na peça, na tragédia de nunca poderem ficar juntos. Lamento que não tenha gostado.
O rosto pensativo de Ren se alegrou.
- Ao contrário, gostei bastante. Não tenho ninguém com quem conversar sobre peças de teatro ou poesia faz... bem, desde que meus pais morreram. Para falar a verdade, eu costumava escrever poesia. (Houck, 2013, p. 120)

A leitura de poemas aproxima e reforça os vínculos entre os personagens. Normalmente, após a leitura de um poema, surge um ambiente propício ao romance entre eles, e o amor vai sendo construído gradualmente sobre essa base.

Apesar de toda a fortuna e riqueza de Ren, Kelsey ainda enfrenta dúvidas e inseguranças sobre o futuro de seu amor. Mesmo com suas incertezas e crises pessoais, ela é profundamente apaixonada por ele. À medida que enfrentam desafios e aventuras juntos, o vínculo entre eles se fortalece e a compatibilidade se torna cada vez mais evidente. As leituras desempenham um papel crucial na construção do clima romântico entre eles; foi após a leitura do Soneto XVIII que Ren, tocado pelo momento, tomou a iniciativa de tentar um beijo.

Cânone literário em diálogo

O romance da obra, construído com base em outros textos, destaca como a intertextualidade permite a interação entre diferentes obras literárias, criando um

espaço que sutilmente incentiva novas interpretações e leituras. Nenhum texto é totalmente novo; todos são moldados a partir da leitura de outros, seja por referências diretas ou indiretas. Quando afirmamos que a intertextualidade pode incentivar a novas leituras, referimo-nos ao fato de que, ao encontrar uma referência, o leitor pode buscar seu significado original, acessando assim outros textos e ampliando seu repertório sociocultural. Esse processo de busca e compreensão contribui para uma leitura mais rápida e profunda. Um bom leitor é aquele que consegue identificar fragmentos que pertencem a outros textos e compreende suas origens:

Na verdade, espera-se do leitor considerado proficiente que, partindo do que está explícito no texto, seja capaz de inferir o que não está explícito, isto é, de gerar conhecimentos novos com base nos dois tipos de informações – visuais e não visuais. Em outras palavras, o leitor proficiente faz previsões sobre o que virá a seguir, infere dados e deduz informações que tornem o texto lógico e coerente. Tais processos levam à geração de novos conhecimentos que são, por sua vez, incorporados ao seu repertório geral. (Leite, 2010, p.2217)

Exemplificamos como a interpretação de um trecho inicial de uma obra pode começar a revelar o sentido total através da compreensão da intertextualidade. No entanto, seu propósito vai além de simplesmente conectar textos: retomamos o início desse trabalho, onde ler com prazer faz parte do nascimento de novos leitores e é necessário que esteja presente no ato de ler. De acordo com Márcia Leite:

O trabalho com a intertextualidade é mais que indicar a relação de um texto e outro: é dar ao aluno a oportunidade de, por meio de seu próprio conhecimento e suas experiências, abrir um leque de interpretações. Se mostrarmos ao educando as diversas possibilidades de leitura, propiciando ainda a interação com diversos tipos de textos, estaremos, sim, valorizando não só a Língua Materna como demonstrando o verdadeiro significado de “ler com prazer”. (Leite, 2010, p.2224).

O uso de poemas de escritores consagrados e canônicos pela autora em uma obra não canônica estabelece uma ponte com os jovens leitores e contribui para a formação de um repertório sociocultural amplo e enriquecedor. À medida que os leitores avançam na obra e se deparam com esses poemas, o preconceito de que tais obras não se misturam vai sendo gradualmente desfeito.

É fundamental que as pessoas leiam sem essa distinção, pois toda leitura é benéfica para o desenvolvimento do espírito crítico. No próprio texto, a autora recorre

a escritores renomados para demonstrar que essas diferentes modalidades literárias podem coexistir harmoniosamente:

Nas horas que se seguiram conversamos sobre nossos livros favoritos. Ele gostava de clássicos, como eu, e nos divertimos muito revisitando personagens memoráveis: Hamlet, Capitão Ahab, Dr. Frankenstein, Robinson Crusoé, Jean Valjean, Iago, Hester Prynne e o Sr. Darcy. Ele também me apresentou a alguns personagens indianos que pareciam interessantes, como Arjuna e Shakuntala, ou ainda Gengi, da literatura japonesa. (Houck, 2013, p. 50)

A palavra "cânone" tem sua origem do grego *kanon*, que significa medida, régua ou instrumento de medir. Embora o termo seja utilizado para descrever diversos objetos e situações, no contexto literário, o cânone refere-se às obras consideradas mais valiosas ou universais de acordo com certos critérios.

No campo da leitura, pode ocorrer uma distinção entre leitura útil e leitura de prazer, com uma valorização predominante das obras do cânone literário - geralmente priorizadas no contexto escolar. Essa distinção frequentemente cria um antagonismo desnecessário em relação às obras que não fazem parte desse cânone. A obra analisada nesta monografia, apesar de não pertencer ao cânone literário, demonstra potencial para um impacto positivo e significativo no hábito de leitura de jovens, provando que o valor de uma obra não está restrito a parâmetros canônicos. Rildo Cosson afirma:

Aceitar a existência do cânone como herança cultural que precisa ser trabalhada não implica prender-se ao passado em uma atitude sacralizadora das obras literárias. Assim como a adoção de obras contemporâneas não pode levar a perda da historicidade da língua e da cultura. É por isso que ao lado do princípio positivo da atualidade das obras é preciso entender a literatura para além de um conjunto de obras valorizadas como capital cultural de um país. A literatura deveria ser vista como um sistema composto de outros tantos sistemas. Um desses sistemas corresponde ao cânone, mas há vários outros, e a relação entre eles é dinâmica, ou seja, há uma interferência permanente entre os diversos sistemas. (Cosson, 2015, p. 34)

Independente dos parâmetros usados para definir autores ou obras, uma seleção qualquer não teria grande abrangência, se não tivesse como se impor, entra então o papel das instituições. Silvina Rodrigues Lopes destaca algumas potências resolutivas na institucionalização do campo literário, estando na escola, especialmente na universidade, uma importante referência na delimitação desse campo:

Ora, a escola, e particularmente a universidade, tem um papel decisivo não só na regulamentação do circuito literário, mas em primeiro lugar, na determinação do corpus a preservar. [...] O estabelecimento do cânone literário e conseqüente ordenação, classificação e hierarquização das obras literárias numa história da literatura, compete a uma comunidade profissional, a dos professores e investigadores da disciplina. (Lopes, 1994, p. 416).

A prática da leitura é de grande valor e impacta profundamente a vida dos leitores, independentemente da obra que escolhem ler. Alinhando-se à visão de Rildo Cosson, acreditamos que a combinação de obras canônicas e não canônicas enriquece a experiência dos leitores, especialmente dos jovens.

A escritora optou por incluir autores renomados de diversos países, como Kalidasa da Índia e Shakespeare da Inglaterra, criando uma fusão criativa e interessante de culturas na trama. Essa integração demonstra como a arte e a literatura podem se complementar, mesmo quando produzidas em contextos temporais, históricos e geográficos distintos.

Analisamos o sentido geral da obra, explorando métodos teóricos como intertextualidade, letramento literário e os reflexos da leitura. A experiência da leitura pode trazer uma infinidade de benefícios para a vida do leitor, mas quais condições são necessárias para que esses resultados se concretizem? Retomando uma das questões iniciais: a valorização da leitura é determinada pela qualidade da obra ou pelo próprio ato de ler?

Uma vez mais acredito que, com essa dimensão da leitura em que a leitura “trabalha” o leitor, estamos longe das divisões estabelecidas que opõem, por exemplo, os partidários da leitura “utilitária” aos da leitura de entretenimento. Quando encontro palavras que me perturbam porque permitem expressar o que tenho de mais íntimo, assumo que isso é algo “útil” ou é um “prazer”? Como diz Freud, talvez seja algo que está “além” do prazer. (Petit, 2008, p. 39)

Tomando como exemplo *A Maldição do Tigre*, a obra não canônica que deu início a esta monografia, a autora consegue estabelecer uma conexão de cumplicidade e conquistar a simpatia do leitor, criando uma sensação de intimidade ao narrar os pensamentos e sensações de Kelsey. A linguagem da obra é acessível e adequada ao público-alvo jovem, utilizando uma linguagem simples e expressões contemporâneas, com um toque de humor que a autora transmite ao leitor. As aventuras, uma característica marcante dos *best-sellers*, fazem parte da missão de

Kelsey e Ren na busca pela quebra da maldição. Essas aventuras, que lembram as dos filmes de Indiana Jones, prendem a atenção do leitor.

O mistério que permeia toda a obra e o suspense que os personagens carregam consigo envolvem o leitor de tal maneira que a leitura flui mais fácil. A obra tem uma carga de informação cultural grande, cria uma identificação com o leitor e enriquece o universo cultural.

A obra poderia ser classificada como uma “literatura ideal”, vejamos: “Para os especialistas, a “literatura ideal” para crianças e jovens é aquela que emancipa, que proporciona o verdadeiro prazer estético e que incentiva a transformação do conhecimento por meio da criticidade e expressividade” (Antunes, 2019, p.125).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos ensina Rildo Cosson que, no exercício da literatura, podemos ser outros e manter a nossa identidade, mas com o contato com a literatura, essa identidade fica em constante construção. A literatura tem um papel indispensável na construção e manutenção do indivíduo, está presente em todas as civilizações, desde as mais antigas até as obras contemporâneas; Pode ser utilizada como uma ferramenta muito útil para a história, por externar os sentimentos, tramas e costumes de cada sociedade e tempo:

É por possuir essa função maior de tornar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização. (Cosson, 2015, p. 17)

Um jovem formado e escolarizado com o auxílio da literatura, consegue desenvolver algumas aptidões com mais facilidade. A imaginação, a interpretação de texto, e a criatividade são alguns exemplos. A literatura ajuda a viver, a pensar e inspirar uma mudança de destino.

Quando um leitor se dá conta de que as suas leituras conversam entre si e ao mesmo tempo são independentes, é como se uma chave virasse no imaginário. A literatura não canônica contemporânea é uma das que mais chamam a atenção do jovem leitor, e é por isso que é necessário saber equilibrar essas obras com as canônicas. Ambas têm a sua relevância, sua perspectiva e sua forma de compreender o mundo:

[...] a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes da leitura. (Cosson, 2015, p. 35)

Para chegar a esse ponto, desenvolvemos esta linha de raciocínio desde o início da jornada do leitor no mundo das leituras — seja por curiosidade ou por indicação — até o prazer de se imergir nesse universo e aproveitar o processo de descobertas. Abordamos também a importância de compreender a intertextualidade

e de equilibrar a variedade de obras para construir um repertório cultural rico e diversificado. Passamos por nomes importantes para evidenciar a presença de textos clássicos e a reflexão do impacto da leitura na vida dos jovens.

O momento de leitura é, precipuamente, para ser aproveitado, para que o leitor possa ter prazer e a consciência de desfrutar o momento do ócio para ir à deriva, ficar sem rumo, sem uma direção certa e se deixar levar para onde o livro o conduzir, sabendo compreender a intertextualidade e o efeito que esse movimento pode surtir na construção da identidade e o refinamento do pensamento crítico. “Muitas vezes o saber é considerado como a chave para se alcançar a dignidade e a liberdade” (Petit, 2008, p.65).

Ao ler, podemos sentir a sensação de realização, deixando a imaginação aflorar, pensar e refletir acerca de novos assuntos e construindo uma personalidade com um repertório sociocultural extenso, pode influenciar a novas tomadas de decisão.

Retomando a obra analisada, quando se pôde observar que a trama envolvia uma maldição, um príncipe indiano e uma jovem comum, houve absoluto encantamento por parte desta formanda. A fantasia presente na obra não é infantilizada, e isso foi o suficiente para a conquista e o despertar da curiosidade. De fato, dei uma chance e comecei a ler, quando a história deu início as aventuras, notei que foi uma forma muito sutil, que existia a possibilidade desse tipo de coisa poderia acontecer comigo, afinal, existem algumas semelhanças.

A forma como Kelsey é me encantou, pois sempre fui uma leitora reclusa e conhecer outra pessoa igual gera uma empatia e um sentimento de compreensão, sempre compreendi totalmente quando ela dava crise por se achar insuficiente para namorar um príncipe Indiano. Eu também acharia que era um sentimento por conveniência, dada a diferença social dos dois.

A forma como a obra envolve o leitor, apresenta a cultura e ainda constrói um romance, é interessante e abre um leque de perspectivas. Com este trabalho, buscamos defender como a leitura de *A maldição do tigre* pode ser significativa e pode vir a ser educativa e instrutiva. Um texto com linguagem simples, conexões complexas, com um grande potencial para abrir as portas do universo da leitura, atraiu

essa leitora. Outros livros, semelhantes ao que embasou este trabalho de conclusão de curso, também têm seu potencial para o estímulo à leitura.

Ao final do primeiro volume, Kelsey decide retornar para sua cidade e seguir sua vida, esquecendo toda a experiência extraordinária que vivenciou. Essa decisão foi tomada a fim de proteger seu coração de uma possível decepção amorosa, como é muito sozinha e ainda sente falta dos pais falecidos, julgou não conseguir lidar com outra perda importante em sua vida e decidiu partir antes:

Virei-me para dar uma última olhada naquele lindo lugar que eu via como lar. Enquanto seguíamos pela estrada margeada por árvores, fiquei olhando a casa até as árvores bloquearem minha visão. Nesse momento, um rugido ensurdecedor e de partir o coração sacudiu as árvores. Virei-me no assento e fitei a estrada deserta à minha frente. (Houck, 2013, p. 286)

Ren e Kishan permanecem na Índia e pretendem continuar com a jornada de libertação. A história do primeiro livro se encerra com Kelsey retornando para sua casa e deixando o leitor instigado a ler o próximo volume para buscar respostas e saber o final da trama.

O objetivo dessa análise é mostrar, com embasamento teórico, como uma obra que não faz parte de um cânone, que por consequência não seria enviada como tarefa escolar, pode encher um jovem de expectativa, de curiosidade, (e proporcionar um interesse a outras leituras, a intertextualidade presente na obra consegue fazer a apresentação de outros títulos e despertar a atenção) de esperança de uma nova realidade. Quando houve a escolha dessa obra e iniciou-se a leitura de toda a saga, houve o maravilhamento com a possibilidade de se mergulhar em outra realidade, o que motivou a leitura dos demais livros da saga.

Aprofundar-se em uma leitura, independente de qual seja seu gosto, é quase como ter acesso a um portal que te transporta a outro universo e faz viver outra realidade, para esta leitora isso significou tanto que conseguiu entrar na Universidade de primeira, escolhendo um curso que envolve literatura, para compreender e aprender cada vez mais com os livros.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, B. **A literatura juvenil na escola**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

CANDIDO, A. O direito à literatura. *In: Vários Escritos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul. 171-194, 2017.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. Editora Contexto, 2015.

CUSTÓDIO, P. **De como os livros são pontes intertextuais: propostas de leitura para o 2º CEB**. *Exedra: Revista Científica* 9: 148-158, 2014.

HOUCK, C. **A Maldição do Tigre**. 1º edição. São Paulo: Arqueiro, 2013.

LEITE, M. **A leitura na escola: o intertexto como fator de interpretabilidade**. 2216-2225, 2010.

LOPES, S. **A legitimação em literatura**. Lisboa: Edições Cosmos, 1994.

PENNAC, D. **Como um romance**. Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1993.

PETIT, M. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. São Paulo: Editora 34, 2008.